

PROBLEMAS DE NOMENCLATURA NA CATALOGAÇÃO

por MARIA LUÍSA LEMOS

RESUMO: Com base em princípios que condicionam a linguagem especializada e em fundamentos de ordem linguística, analisam-se várias palavras que poderiam servir para expressar os conceitos implícitos nos termos ROSTO, CABEÇALHO e REMISSÃO, propostos pela CRRPC no seu *Glossário básico de termos de catalogação* (1967 Jun. 9), concluindo-se que é vantajosa a sua substituição pelos termos equivalentes PORTADA, ENCABEÇAMENTO e REMISSIVA, por satisfazerem melhor às condições inicialmente formuladas.

O presente estudo foi sugerido por três vocábulos incluídos no *Glossário básico de termos de catalogação* (1) — vocábulos que, debaixo de um ponto de vista linguístico, não nos parecem os mais válidos para designar determinados conceitos técnicos.

O facto de manifestarmos a nossa reserva a propósito da escolha de: REMISSÃO, CABEÇALHO e ROSTO, registados no referido *Glossário* a folhas 3 e 4 (2), não significa que tivéssemos chegado a uma solução linguística óptima, capaz de garantir a legitimidade dos termos que poderiam substituir os primeiros. Como é evidente, na parte final das conclusões deixámos as respostas em suspenso, confiando aos linguistas o encargo de as formular (3) — e isto, por crermos que excedem a competência do técnico. Pretendemos, apenas, pôr à consideração de todos certos pontos de vista que julgámos defensáveis:

1.º — Qualquer linguagem especializada deve obedecer a determinados princípios (de natureza linguística e técnica).

Esses princípios vêm esquematizados logo na parte inicial.

2.º — Uma escolha de terminologia tem de situar-se, pois, dentro desse condicionalismo, sem se alhear, é claro, da experiência técnica nacional e estrangeira já existente.

(1) Lisboa, CRRPC, 1967.

(2) Sob os n.ºs 26, 29 e 37, respectivamente.

(3) No decorrer do trabalho foi nossa intenção acentuar que as ciências técnicas necessitam da Linguística.

3.º — Em função da linguagem especializada, a existência duma *tradição erudita* não pode ser critério decisivo para a escolha da terminologia.

Na última parte do nosso trabalho, analisámos os vários termos generalizados entre nós — por uma tradição técnica ou erudita — e que poderiam expressar (melhor ou pior) os conceitos contidos em REMISSÃO, CABEÇALHO e ROSTO, contrapondo-lhes, necessariamente, os equivalentes em francês, inglês e espanhol.

E agora, antes de passarmos às considerações de ordem geral que o assunto requer, deixaremos aqui expresso o seguinte: os termos adoptados pela experiência da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra — REMISSIVA, ENCABEÇAMENTO E PORTADA — não foram seleccionados por razões fortuitas, mas sim, por responderem aos *requisitos duma linguagem técnica e ao bom uso linguístico*.

O progresso técnico da nossa época favorece o enriquecimento vocabular em todas as línguas — isto é um facto do domínio comum. Mas, logo que surge a necessidade de designar novos conceitos, conhecimentos, ou inventos, eis-nos frente a frente com questões de ordem linguística. Estas questões poder-se-iam formular segundo três directrizes, todas elas vitais para a sobrevivência duma linguagem especializada:

- 1) Uniformidade de nomenclatura, dentro da mesma língua.
- 2) Concisão e rigor semântico dos termos adoptados.
- 3) Legitimidade desses termos, de acordo com a estrutura do idioma.

O primeiro ponto não carece ser demonstrado, tão evidente é. A identidade terminológica facilita contactos e bom entendimento, assegura a clareza e exactidão, qualquer que seja o domínio do saber em causa. Tal preocupação começa a fazer-se sentir, tanto a nível nacional como internacional e, por força deste imperativo, muitos dos organismos estrangeiros tendem a apoiar-se, hoje, em comités linguísticos. Simultaneamente, efectuam-se reuniões de variadíssimos congressos, nos quais são debatidos os problemas de nomenclatura científica (1). Surgem associações linguísticas de características internacionais — cuja finalidade consiste em solucionar problemas da linguagem corrente ou especializada e impor a normalização da terminologia. Citaremos, entre outros, o Comité Internacional Permanente dos Linguistas (C. I. P. L.) com sede em Nimega (2); o Comité Consultivo Internacional de Documentação e Terminologia das Ciências Puras e Aplicadas (3) e o Comité Consultivo Internacional de Bibliografia, Documentação e Terminologia (4).

Nas nossas breves referências — trazidas aqui a título meramente exemplificativo — não poderíamos deixar de incluir a actividade da Comissão de Terminologia da Alta Autoridade

(1) Vid. BOLÉO, Manuel Paiva — *Algumas tendências e perspectivas da Linguística moderna*. «Rev. Port. de Filologia», Coimbra, 13 (1-2) 1964-1965, p. 281-282.

(2) Vid. BOLÉO, Manuel Paiva — *Algumas tendências e perspectivas da Linguística moderna*. «Rev. Port. de Filologia», Coimbra, 13 (1-2) 1964-1965, p. 279.

(3) (4) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 20 (5) sept.-oct. 1966, p. 294, 295.

da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Luxemburgo) (1), que se propõe rever a terminologia científica nas matérias relacionadas com aquele organismo. Em cumprimento de semelhante tarefa, tem vindo a publicar glossários fraseológicos em cinco línguas (alemão, inglês, francês, italiano, holandês), ao mesmo tempo que pretende estabelecer contacto com associações afins, no intuito de proceder à normalização dos termos técnicos (2).

Como era de prever, também a FID não se alheou dessa questão nevrálgica. À data do congresso reunido em Washington (10 a 15 de Outubro de 1965) funcionava ainda a secção de estudos linguísticos — Comité de Terminologia e de Lexicografia (FID/TL) (3) — que actualmente se encontra em vias de reorganização (4). Num dos relatórios publicados no Boletim da Unesco — «Rôle et activités de la Fédération internationale de documentation» (5) — mencionava-se, além de outros objectivos, o seguinte: «Mettre au point une terminologie normalisée de la classification» (6), tarefa a cargo do Comité de Investigações sobre a Classificação (7). Mais recentemente, por altura do 3.º Congresso Internacional da FID (Tóquio, 12 a 22 de Setembro de 1967), foi proposta a criação de um novo comité — o de «Problemas linguísticos» — dentro do domínio da informação científica e técnica (8). O facto prova, mais uma vez, que as ciências técnicas pedem à Linguística resposta para os crescentes problemas de terminologia e reconhecem a necessidade de cooperar com aquela ciência.

Pelo que diz respeito a organismos nacionais, parece-nos oportuno citar o Comité de Estudos dos Termos Técnicos Franceses (9); a Academia de Língua Hebraica (Telavive) (10) que, tendo objectivos mais vastos do que a simples linguagem técnica, vem dedicando a este capítulo uma atenção deveras notável. Sob o seu patrocínio foram publicados dicionários e listas terminológicas (em várias línguas), relativos a assuntos especializados. As comissões da Academia têm diante de si um vasto programa em perspectiva — publicar listas e dicionários de terminologia sobre: meteorologia, telecomunicações, construções de betão, resistência de materiais, levantamentos cartográficos, hidrologia e construção de estradas (11). Igualmente, a América está procedendo à publicação de «thesauri» (12). O Boletim citado informa-nos de que, sob os auspícios da Unesco, o «Bibliographic Systems Center» da «School of Library

(1) (2) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (1) janv.-fév. 1967, p. 52.

(3) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 20 (2) mars-avr. 1966, p. 103.

(4) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (4) juil.-août 1967, p. 216.

(5) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (4) juil.-août 1967, p. 214 e seg.

(6) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (4) juil.-août 1967, p. 214.

(7) *Ib.*, p. 215.

(8) Vid. PEIXOTO, Jorge — *A reunião da Federação Internacional de Documentação em Tóquio, de 12 a 22 de Setembro de 1967*. «Cadernos Bibl. Arq. Doc.», Coimbra, 4 (4) Out. 1967, p. 193.

(9) Vid. BOLÉO, Manuel Paiva — *Recensões críticas*. «Rev. Port. de Filologia», Coimbra, 13 (1-2) 1964-1965, p. 409.

(10) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 20 (4) juil.-août 1966, p. 220-221.

(11) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 20 (4) juil.-août 1966, p. 220-221.

(12) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (4) juil.-août 1967, p. 215, 245.

Science» da «Western Reserve University» projecta criar o seu «Centro de informação sobre as tabelas de classificação de obras científicas e técnicas, listas de palavras-chaves e de descritores e «thesauri» (em língua inglesa) (1).

Neste ponto, ocorre a pergunta: o que se passa entre nós? Infelizmente, ainda nem sequer foi concretizado o projecto de um organismo similar. Podemos dizer que, por enquanto, reina uma quase anarquia no domínio da linguagem especializada, à parte os esforços de algumas entidades e organismos, dentre os quais é justo salientar o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Repartição de Normalização (2).

O tecnicismo, ao mesmo tempo que impõe a concisão e rigor, tende a afastar do uso corrente a chamada «langue des métiers» que, mercê de processos vários de formação, assume um carácter inovador e hermético. Normalmente, recorre às formações eruditas, estruturadas nas duas línguas clássicas (3), constituindo-se, nesse caso, um todo enigmático e impenetrável para os estranhos ao grupo. Relativamente ao português, englobam-se neste tipo neologismos de linguagens especializadas, tais como: agatologia, anorexia, autismo, autocinese, automação, glossemática, glossologia, gliptologia, hiperestesia, macrobia, monoplegia, nosomania, ropografia, runografia, ruptório, sacarómetro, tetrástico (4).

Muitas vezes, a procura do inequívoco e sintético determina a entrada de estrangeirismos numa língua, quer sob a forma original, quer adaptados à estrutura do idioma. Incluem-se no primeiro caso um grande número de vocábulos de proveniência francesa ou inglesa, introduzidos no português em determinadas épocas. Sirvam de exemplo: capot, carrosserie (5), cliché, comité, complot, contrôle (6), court, croissant, groom, jeep, meeting, passe-montagne, passe-partout, placard (7), punaise, ring, scooter, tablier, trust. No entanto, são os termos estrangeiros adaptados — que entram em avalanche para todos os idiomas — os que têm mais aceitação e probabilidade de sobrevivência (8).

Quando a técnica se vale da língua comum, de ordinário restringe, especializando o vocábulo usado cotidianamente num significado mais amplo e impreciso (9).

(1) Vid. «Bull. Unesco Bibl.», Paris, 21 (4) juil.-août 1967, p. 245.

(2) Vid. BOLÉO, Manuel Paiva — *Notas bibliográficas*. «Rev. Port. de Filologia», Coimbra, 12 (1) 1962-1963, p. 318; 12 (2) 1962-1963, p. 700; id. — *Algumas tendências e perspectivas da Linguística moderna*. «Rev. Port. de Filologia», Coimbra, 13 (1-2) 1964-1965, p. 299.

(3) Destas, é o grego que dá um maior contributo.

(4) Note-se que muitos destes vocabulários de origem erudita são adaptações à nossa língua dos neologismos que acompanham as inovações no domínio do pensamento e da técnica.

(5) (6) (7) Para os quais se tem proposto as seguintes formas portuguesas: carrossaria, control ou controlo e placar, respectivamente.

(8) A esse respeito, vid. BOLÉO, Manuel Paiva — *Defesa e ilustração da língua*, Coimbra, 1944; id. — *O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos...* 2.ª ed., Coimbra, 1965.

(9) Cf. CARVALHO, José G. Herculano de — *Teoria da linguagem*, Coimbra, Atlântida Editora, 1967, p. 335-337.

É o caso da terminologia jurídica. O Direito, tendo uma linguagem conservadora (pela própria natureza desta ciência), não favorece a introdução de neologismos.

Depois do exposto, resta acrescentar que, em matéria de tecnicismo e linguagem, há sempre que ter em conta a constância de determinada lei: um termo técnico será tanto mais válido, quanto mais delimitado e inequívoco for o seu sentido.

Ora, é debaixo de todos estes princípios formulados — orientadores, quando se trata de criar uma linguagem técnica — que nos propomos analisar alguns dos termos incluídos no nosso vocabulário especializado. Começaremos pela denominação da página que, sob o ponto de vista catalográfico, é a mais importante do livro. Trata-se daquela em que figuram, além do título, outras indicações: de autor, co-autor, prefaciador, tradutor, etc. e o pé de imprensa.

A — FRONTISPÍCIO

Uma tradição erudita consagrou o uso de FRONTISPÍCIO, tornando-o sinónimo de rosto ou portada. É com esse sentido que o vocábulo aparece registado nos dicionários da língua portuguesa: «página de qualquer obra literária em que está o título»⁽¹⁾ — definição que corresponde exactamente àquela que nos é dada pelas *Norme per il catalogo degli stampati*, sob a palavra FRONTISPIZIO: «La pagina all'inizio del libro, in cui sono ordinariamente notati l'autore, il titolo, le note tipografiche ecc.»⁽²⁾.

Parece haver uma correspondência semântica nas duas línguas irmãs, relativamente ao mesmo vocábulo (espanhol FRONTISPICIO). Cf. a definição (de resto, pouco elucidativa) do *Diccionario de la lengua española*⁽³⁾: «fachada o delantera de un edificio, libro, etc.»; e a do *Diccionario enciclopédico ilustrado de la lengua española*⁽⁴⁾: «Fachada, delantera o portada»; e a da *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*⁽⁵⁾: «Fachada principal ó delantera de un edificio ó otra cosa. Portada de un libro». No entanto, o francês FRONTISPICE diverge para um sentido mais especializado: «Titre d'un livre accompagné de vignettes, d'ornements. P. anal. gravure placée en regard de la page du titre»⁽⁶⁾. Esse último significado está implícito no inglês FRONTISPIECE: «picture or design facing the front page (or title-page) of a book»⁽⁷⁾.

(1) Cf. FIGUEIREDO, Cândido de — *Dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1949; SILVA, António de Morais — *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência, L.da, s. d.; *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa...* 3.^a ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, s. d.; SILVA, António de Morais — *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed. (Lisboa), Editorial Confluência, s. d.

(2) Terza edizione, Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1949, p. 7.

(3) Madrid, Real Academia Española, (1939).

(4) Barcelona, Editorial Ramón Sopena, 1962.

(5) Barcelona, Hijos de J. Espasa, Editores, s. d..

(6) Cf. LITTRÉ, Émile — *Dictionnaire de la langue française*, (Paris), Jean-Jacques Pauvert Éditeur, 1956; HATZFELD, Adolphe — *Dictionnaire général de la langue française du commencement du XVII^e siècle jusqu'à nos jours*, (Paris) Delagrave, 1964.

(7) Cf. HORNBY, A. S. — *The advanced learner's dictionary of current English*, London, Oxford University Press, s. d.

Também as *Catalog rules* da A. L. A. definem assim o sentido do vocábulo: «A leaf with illustration (other than an engraved title-page) preceding the title-page» (1). FRONTIS-PIECE pode significar ainda: «The first page of a book or pamphlet, or what is printed on it; the title-page including illustrations and table of contents; hence, an introduction or preface» (2).

A verdade é que, em português, o termo tinha inicialmente (3) outro sentido: designava o rosto da folha anteposta à portada, com um retrato gravado, ou qualquer composição alegórica (4), em paralelismo com o espanhol FRONTIS e FRONTISPICIO: «Hoja o plana que precede a la portada y que suele contener el retrato del autor o el título del libro, con adornos grabados o impresos» (5). Só um emprego abusivo e pouco rigoroso poderia ter dado lugar à derivação semântica.

Do exposto, conclui-se que o vocábulo é inadequado:

- 1) Por se apoiar numa *tradição erudita, não técnica* (6)
- 2) Pela sua imprecisão semântica.

B — PÁGINA DO TÍTULO

Os dois países de língua inglesa denominam essa mesma página TITLE PAGE. Cf. a definição apresentada no glossário das *Anglo-American cataloging rules*, Chicago, American Library Association, 1967, p. 347: «A page at the beginning of a publication, bearing its full title and usually, though not necessarily, the author's (editor's, etc.) name and the imprint». A sua correspondente literal em francês é PAGE DE TITRE (7).

Poder-se-ia desejar que todos os países caminhassem para uma necessária uniformidade. Mas, neste caso, o emprego (em português) da expressão fraseológica «página do título» apresenta um grave inconveniente: contraria o princípio de sintetismo, tão indispensável à linguagem técnica. Os idiomas acima referidos adoptaram uma perífrase, por carência linguística. Os espanhóis exprimem a mesma ideia com uma única palavra — PORTADA (8). Nós dispomos de duas: PORTADA e ROSTO.

(1) Chicago, A. L. A., 1941, p. XXIII (Glossary).

(2) Cf. *The shorter Oxford English dictionary...* third edition, Oxford, At the Clarendon Press.

(3) No séc. XVI e XVII.

(4) Cf. PEIXOTO, Jorge — *Técnica bibliográfica*, vol. 1, Coimbra, Atlântida, 1961, p. 12; *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, Lisboa — Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, s. d.

(5) Cf. *Instrucciones para la redacción del catálogo alfabético de autores y obras anónimas en las bibliotecas públicas del Estado*, tercera edición reformada, Madrid, 1964, p. 242.

(6) Note-se que também os espanhóis baniram da sua linguagem técnica o termo «frontispicio».

(7) Cf. *Exposé des principes adopté par la Conférence Internationale sur les principes de catalogage, Paris, octobr, 1961*, édition provisoire, Sevenoaks, Secrétariat de la FIAB, 1966.

(8) Debaixo do ponto de vista técnico, entenda-se. Cf. *Instrucciones para la redacción del catálogo alfabético de autores y obras anónimas en las bibliotecas públicas del Estado*, tercera edición reformada, Madrid, 1964.

C — PORTADA ou ROSTO:

Na nossa língua, os dois termos equivalem-se semânticamente: ROSTO—«A página do livro em que há só, ou principalmente, o nome do autor e o título da obra»⁽¹⁾; PORTADA — «A principal das páginas preliminares de um livro, e que, em geral, está depois da anteportada»⁽²⁾; «Frontispício, ou página do rosto de um livro»⁽³⁾.

No entanto, dentro de um ponto de vista técnico, ROSTO parece não ser tão aceitável como PORTADA. A primeira palavra generalizou-se na linguagem corrente, evocando uma ideia que nada tem a ver com o sentido técnico; além disso, o seu âmbito semântico é muito vasto. Importa salientar, ainda, o seguinte: ROSTO impôs-se, graças a uma tradição erudita, de certo modo reforçada por Raul Proença nas suas regras de catalogação, ao adoptar o vocábulo como sinónimo de PORTADA⁽⁴⁾. Contudo, não obstante o culto que nos possa merecer o pioneiro da catalogação em Portugal, quem se atreveria, hoje, a pôr em dúvida esta verdade elementaríssima: que a terminologia legada por Proença *tem necessidade de ser revista ou corre o risco de se ver ultrapassada pela técnica?*

PORTADA, de uso restrito e, portanto, preferível, é abonada pela experiência dos espanhóis, e estes, no que toca a técnica bibliográfica, caminham à nossa frente.

Para tranquilidade dos puristas, pode-se garantir o seguinte:

1) Em matéria de linguagem especializada, é legítimo recorrer a neologismos (o que, de resto, já foi dito). A não aceitarmos esta lei, teríamos de excluir do nosso vocabulário actual a maioria dos termos técnicos, pois quase todos representam adaptações de termos importados.

2) PORTADA não é um estrangeirismo. A palavra está registada nos dicionários portugueses com o sentido de: a) «Grande porta, geralmente com ornamentos»⁽⁵⁾; b) «Peça de madeira que gira sobre os gonzos e fecha por detrás ou pela frente da vidraça das casas, à maneira de porta»⁽⁶⁾; c) Com outros sentidos especializados⁽⁷⁾.

D — ENCABEÇAMENTO ou CABEÇALHO:

Como deveremos designar a ideia expressa em inglês por HEADING:

Consultando o glossário das *Anglo-American cataloging rules*, p. 345, encontraremos a seguinte explicação, ao lado do referido vocábulo: «A name, word, or phrase placed at the

(1) (2) Cf. SILVA, António de Moraes — *Grande dicionário da língua portuguesa*, 10.^a ed., (Lisboa), Editorial Confluência, s. d.; para os mesmos sentidos vid. também os restantes dic. cit.

(3) Cfr. *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, Lisboa — Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, s. d..

(4) Cf. PROENÇA, Raul — *Catalogação nas bibliotecas públicas...* Lisboa, Biblioteca Nacional, 1919.

(5) (6) (7) Vid. os dic. cit..

head of a catalog record to provide a point of access in the catalog». A palavra correspondente no francês é VEDETTE (1).

Dentro do português, julgamos que a escolha de ENCABEÇAMENTO ou CABEÇALHO não é indiferente. Com efeito, de acordo com os sentidos registados, CABEÇALHO tem uma significação mais ampla do que ENCABEÇAMENTO. Enquanto que a última palavra comporta o sentido indicado no *Glossário básico de termos de catalogação*: «Elemento (2) ou grupo de elementos que encabeça a entrada» (3), a primeira envolve, de preferência, a ideia de vários elementos (um título, normalmente, é composto por mais do que uma palavra). Tem, em regra, o sentido de: a) «Título (de capítulo, de artigo, etc.)» (4); b) «Título (de jornal) com o subtítulo e anexos que estão sempre compostos para todos os números de folha» (5); c) «Palavrado que serve de exórdio a uma carta, ou a outro escrito» (6); d) Outros sentidos relacionados com a palavra primitiva.

ENCABEÇAMENTO, cujo conteúdo semântico está de acordo com a definição supra, tem a seu favor as razões que se seguem:

1) É abonado pelo vocábulo técnico correspondente, usado pelos espanhóis: ENCA-BEZAMIENTO (7).

2) Como termo de linguagem especializada é mais válido do que CABEÇALHO, vocábulo que foi generalizado entre nós por uma tradição brasileira (8).

3) É uma forma genuinamente portuguesa (9), registada nos vários dicionários da língua, com os sentidos de: a) «Acto ou efeito de encabeçar» (10); b) Começo, exórdio, princípio de um escrito (11); c) Outros sentidos especializados (12).

E — REMISSÃO ou REMISSIVA:

A escolha do vocábulo REMISSÃO parece ter sido determinada pelo francês RENVOI. Com efeito, o *Exposé* vem definir, no ponto 4, os três tipos de entradas do catálogo: entrées principales, entrées secondaires et renvois [.../ (qui orientent le lecteur vers un autre endroit du catalogue)».

(1) Cf. *Exposé des principes adopté par la Conférence Internationale...* Sevenoaks, Secrétariat de la FIAB, 1966, fl. 1.

(2) O sublinhado é nosso.

(3) Comissão Relatora das Regras Portuguesas de Catalogação — *Glossário básico de termos de catalogação*, Lisboa, CRRPC, 1967, fl. 3.

(4) (5) (6) — Vid. FIGUEIREDO, Cândido de — *Dicionário da língua portuguesa*, 10.ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1949.

(7) Cf. *Instrucciones...* tercera edición reformada, Madrid, 1964.

(8) Vid. *Normas para a catalogação de impressos*, 2.ª edição brasileira, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1962.

(9) Proveniente de um tema verbal: encabeça(r) + suf. mento. Análogamente foram formados os vocábulos: agrupamento, chamamento, funcionamento, etc.

(10) (11) (12) Vid. os dic. cit..

Rigorosamente, a correspondência exacta no português seria «entrada REMISSIVA»⁽¹⁾, em paralelismo com «entrada PRINCIPAL» e «entrada SECUNDÁRIA». O próprio *Glossário básico*, no ponto 26 (fl. 3), define assim REMISSÃO: «Entrada que orienta de um para outro local do catálogo ou da bibliografia».

Relativamente à nossa língua, põe-se este problema: o termo, que no significado de «remeter» aparece sempre registado com um sentido activo — «acção de remeter, de enviar para ser entregue»⁽²⁾ — poderá designar com rigor a entrada remissiva e a ficha que a contém?

Quanto ao espanhol, não oferece dúvida que esse sentido está implícito em REMISIÓN: «Indicación, en un escrito, del lugar del mismo o de otro escrito a que se remite al lector»⁽³⁾. No entanto, a linguagem técnica optou por REFERENCIA⁽⁴⁾, que assenta no inglês REFERENCE⁽⁵⁾. Cf. *Instrucciones...* p. 3, parag. 3, alínea 3: «Fichas de referencia — Son las que remiten de las formas no admitidas para un encabezamiento a la admitida, con la indicación V. (véase)».

Também, a propósito de REMISSÃO, parece oportuno acentuar que o seu emprego técnico se divulgou graças a Raul Proença. Mas, em que medida, o respeito pelo passado se deve sobrepor às exigências da Linguística e da Ciência?

CABEÇALHO ou ENCABEÇAMENTO? REMISSÃO ou REMISSIVA? Deixemos aos linguistas a última palavra.

Coimbra, 15 de Janeiro de 1968

(1) E do mesmo modo, designando a ficha que a contém, deveríamos empregar «ficha REMISSIVA».

(2) Vid. os dic. cit..

(3) Cf. *Diccionario de la lengua española*, Madrid, Real Academia Española, (1939).

(4) «Hazer» ou «redactar una REFERENCIA» («una ficha de REFERENCIA»).

(5) «A direction from one heading or entry to another». Cf. ob. cit., loc. cit., p. 346.